

## AS MULHERES “BELAS, RECATADAS E DO LAR” DE PAULA REGO

Ana Paula Sabiá - PPGAV - UDESC<sup>1</sup>

### RESUMO

Nesse ensaio proponho confrontar alguns simbolismos presentes nas feministas mulheres pictóricas da pintora portuguesa Paula Rego e a polêmica manchete intitulada “Bela, recatada e do lar”, veiculada por uma revista brasileira. Buscarei contextualizar tais supostos adjetivos dentro das intrincadas tecnologias de poder que perpassam as políticas de controle sociais, perspectivados por Michel Foucault. Faz-se importante ressaltar que no contemporâneo, a comunidade virtual também é área de resistências, arena imaterial de existência fluída, que foge ao controle de uma hegemonia cultural. Nesse sentido, estabelece-se novos modos sensíveis de embates e ações no cotidiano concreto. Escolhemos outras lentes para vermos a nós mesmos não como parte da massa, mas partícipe das mudanças na arte e na vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paula Rego. Feminismo na pintura. Leitura de imagens da arte. “Bela, recatada e do lar”.

### 1. Entre polifonias do *ser ou não ser*<sup>2</sup>

No amanhecer do dia dezoito de abril de 2016, o processo a favor do *impeachment*<sup>3</sup> da presidente Dilma Roussef foi o assunto de pauta de toda discussão polifônica, uma inerência da comunicação, principalmente nas virtuais redes sociais. Não tardou, porém, para que mais uma tentativa de apagar o fogo com gasolina fosse regurgitada por um dos meios de comunicação de massa na avassaladora manchete: “*Bela, recatada e do lar*”.<sup>4</sup>

O “mote” da matéria era uma tentativa de enaltecer aquela que seria a possuidora de tais “adjetivos”: Marcela Temer “(...) *a quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos*

---

<sup>1</sup> Artista visual, fotógrafa e pesquisadora. Doutoranda em Artes Visuais pela UDESC, na linha Ensino das Artes Visuais. Mestra em Psicologia Social pela UFSC. Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, pela FAAP. Lecionou Artes Visuais e Fotografia no ensino fundamental e médio. Como fotógrafa participou de exposições e festivais de fotografia em São Paulo, Florianópolis, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Atualmente, desenvolve pesquisas abrangendo gênero e feminismo na educação e arte contemporânea. Portifólio disponível em: <http://www.anasabia.com>

<sup>2</sup> “Ser ou não ser, is a questão”, célebre frase do monólogo de personagem Hamlet, de W. Shakespeare (1605).

<sup>3</sup> Os votos dos deputados a favor do impeachment somaram mais de 2/3 do senado, e suas justificativas ao “sim” pouco se referiram às pedaladas fiscais - acusação que é a base para o impedimento da presidente Dilma Rousseff - mas mencionavam à Deus, à corrupção, à família e até mesmo à ditadura militar. Um cenário estupefacente, para evitar de usar adjetivo mais ameno ou menos acadêmico.

<sup>4</sup> Revista Veja, 18/04/2016, Fonte: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>

*joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice*".<sup>5</sup> A já conflituosa situação política e, agora, a sentença categórica que revirava as entranhas; parecia ser uma campanha de marketing muito bem articulada, pois aquela semana e a que se seguiu, não apenas a aprovação da abertura do processo de impeachment como também o "bela, recatada e do lar" foram pauta nacional.

Em poucas horas um extraordinário movimento feminino e feminista tomou as redes sociais com grande sarcasmo e bom humor, contestando, rejeitando, questionando, contrapondo e recusando qualquer tentativa fraudulenta de homogeneizar o gênero feminino nas três palavrinhas - aparentemente ingênuas - "bela, recatada e do lar". Todo tipo de memes<sup>6</sup>, depoimentos, vídeos, textos e imagens eram válidos na tentativa de esclarecer, aos mais crédulos ou menos atentos, a dissimulação imbuída naqueles supostos adjetivos.

Todavia, o esforço mulheril (e não só) nas redes sociais não intencionava ridicularizar nem menosprezar as mulheres que por escolha própria haviam optado pelo cuidado consigo mesma (no empenho da construção de seu ideal de beleza), nem desacreditar daquelas que assumiam conscientemente uma postura cautelosa ou daquelas que dedicavam-se com agrado à sua vida doméstica e familiar. A crítica não era especificamente destinada à Marcela Temer. Nossa indignação é que, passado mais de meio século das primeiras elaborações dos movimentos feministas e todos os avanços repercutidos e concretizados nas mais diversas esferas sociais do mundo ocidental, em pleno 2016 somos subjugadas a retrocessos sórdidos veiculados em letras garrafais.

Os movimentos feministas contemporâneos, contextualizados em recortes geográficos e sociais específicos, à diferença dos ideais e militância feminista dos anos 70, não opera na negação da maternidade, ou no encorajamento ao embrutecimento feminino, nem no estabelecimento de

---

<sup>5</sup> *Marcela Temer: bela, recatada e "do lar", A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice* (vice-presidente do Brasil), Revista Veja, 18/04/2016, Fonte:<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>

<sup>6</sup> "Meme é um termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado no "mundo da internet", referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc, que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. Como a internet tem a capacidade de atingir milhões de pessoas em alguns instantes, os memes de internet podem também ser considerados como "informações virais".  
Fonte: <http://www.significados.com.br/meme/>

práticas rígidas que formatem como as mulheres devem se comportar para se “igualar” ao outro sexo. Nosso momento atual compreende os engajamentos femininos e feministas para instaurar liberdades de ser mulher em todos, ou quaisquer, aspectos. Sermos donas de nossas escolhas e optar, dentro da enormidade de possibilidades de ser e não ser - sendo que, tanto um quanto o outro, não são dualidades excludentes entre si mas podem operar entre pluralidades. Somos livres para negar estereótipos que não compartilhamos ou nos ferem. Não aceitamos mais ser constrangidas a qualquer submissão externa em nome de um determinado ideal de beleza, de comportamento e de ideias. Assumir essa posição ética e humana é tomar parte do fazer política, ainda que se esteja no âmbito doméstico.

As mulheres “belas, recatadas e do lar” de Paula Rego<sup>7</sup> são políticas de mesmo modo que a própria pintora, através de sua arte, faz política.

## **2. Entre afazeres dialógicos: política e arte**

A imagem da pintura "A Família" (1988), de autoria da artista portuguesa Paula Rego foi a minha escolha pessoal ao incluir-me no engajamento coletivo de crítica ao status “bela, recatada e do lar” nas redes sociais. O título dessa obra aparece com o sarcasmo que lhe é peculiar, pois suas personagens aparentemente não se enquadram no moralismo da família exemplar. Na cena íntima, há uma aura de suspense inusitado, como se estivéssemos vendo um enquadramento de uma das sequências de Alfred Hitchcock<sup>8</sup>.

A claridade do dia sombrio invade o aposento em duros contrastes de luz-sombra. As vestimentas anunciam um tempo passado, aproximativo da década de 1950, no qual as novidades tecnológicas ainda não coexistiam com

---

<sup>7</sup> “Paula Rego (Lisboa, 1935). A sua obra, influenciada pelo Surrealismo e pelo Expressionismo, desenvolve-se em telas de grandes dimensões, nas quais narra histórias que reportam à infância, com figuras grotescas, frequentemente extraídas de contos de fadas, mas tratadas de forma irônica e por vezes cruel. A recordação da infância mantém-se como fio condutor ao longo da obra da pintora, assim como suas raízes portuguesas. Sua Arte tem tido uma grande influência na maneira de pensar o feminino português. A violência exercida contra as mulheres portuguesas tem sido espelhada na sua obra continuamente como chamada de atenção para o drama em causa. Rego foi diversas vezes premiada com títulos e prêmios honrosos no cenário artístico contemporâneo. Em setembro de 2009, foi inaugurado em Cascais, Portugal, o Museu de Arte Casa das Histórias Paula Rego, com o intuito de expandir o conhecimento da obra da artista: <http://www.casadashistoriaspaularego.com/pt/>”

Fonte: <http://www.pterodactilo.com/blog/paula-rego-arte-e-feminismo/>

<sup>8</sup> Alfred Hitchcock (1899- 1980), um dos mais conhecidos e populares cineastas britânicos, considerado o “Mestre dos filmes de suspense”.

a velocidade da informação e vigilâncias anunciadas a que somos acostumados atualmente. Mas todos os elementos só ali existem por causa de seus personagens, visualmente complexos, cada qual em atitude suscetível a variada gama interpretativa.



Imagem 1: Paula Rego, "A Família", acrílico sobre papel montado em tela, 213X213 cm, 1988

A passiva figura masculina, sentado na cama desfeita, com as pernas abertas, inerte mas com olhar assombrado está sendo vestido, ou imobilizado, pelas ativas mulheres da casa. O braço da provável filha, assim como suas mãos, amordaça e algema o homem, que tem à sua frente, sua provável esposa. Desta, com a face em perfil, posição implacável e mãos em punho, extraímos intenções vingativas. Também esperando pelo seu momento de desforra, está a outra provável filha jovem e grávida, destemerosa no contraluz, desafia, até mesmo, sua própria sombra.

Outro elemento de extrema importância é o oratório familiar na parede dos fundos do quarto. A santa, que ali está, tem aos seus pés uma outra figura humana que bravamente luta e tenta aniquilar a besta-fera (aparentemente é São Jorge e o dragão). O altar, em diálogo com as outras personagens, acanto

da gestação avançada da filha mais velha, pode incitar a leitura visual de uma denúncia de violência doméstica e sexual.

Nascida e criada dentro das tradições portuguesas e da religião católica, Paula Rego não nega as fragilidades inscritas nos dogmas, pelo contrário, não apenas expõe suas feridas como as abre para fazê-las sangrar. Sua extensa e visceral obra é um manifesto aberto contra os procedimentos moralizantes que buscam instituir poder sobre as mulheres, em seus corpos e sexualidade. Nesse (a)fazer artístico-político a família, a igreja, a escola, o Estado, as mídias, a ciência e qualquer outra organização que promova antagonismos de gênero são impiedosamente denunciados.

Paula Rego afirma seu posicionamento e faz “justiça com as próprias mãos”, seja através de seus pincéis e pastéis, de seu traçado revoltado e contrastes explícitos, de suas cores barulhentas e de seu cinismo em alegoria elaborada. Traduz a seu modo a “linguagem socialmente situada, que profere quem pode falar e quem deve ser silenciado, o que mostrar e o que esconder, do que falar e sobre o que silenciar.”<sup>9</sup> Nesse sentido, torna-se coerente estabelecer paralelos entre a obra de Paula Rego e a problematização da sexualidade como formas políticas de controle social subjetivo, através da perspectiva de Michel Foucault.

Em nossa cultura estabelece-se, segundo o filósofo, diferentes formas de objetivação pelas quais os seres humanos tornam-se sujeitos: através da investigação que opera pela ciência (ser sujeito produtivo que trabalha, produz riqueza, movimenta a economia); pela constatação do simples fato de estar vivo; através das chamadas “práticas divisórias” (sujeito dividido no seu interior em classificações como, por exemplo, louco e são, doente e sadio..) e através da sexualidade.<sup>10</sup>

Em contradição latejante na nossa cultura, estamos simultaneamente expostos às

“muitas formas de tornar-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente, são também, reguladas, condenadas ou negadas, a sexualidade não é apenas

---

<sup>9</sup> CABRAL, Paula Cristina Figueiredo e RODRIGUES, Sónia Cristina Ildefonso. *O sexual e o político na obra de Paula Rego*

<sup>10</sup> FOUCAULT, M. *Historia da sexualidade*. São Paulo, SP. Graal, 2010

uma questão pessoal, mas é social e política, construída ao longo da vida, de muitos modos, por todos os sujeitos.”<sup>11</sup>

Desde a modernidade nos pensamos como sujeito derivados da construção histórica, constituído de camadas arqueológicas estratificadas: sujeitos humanistas (descentrados do Divino), sujeitos da razão, sujeitos de direito (em relação ao Estado com suas leis, direitos e deveres), sujeito indivíduo (estatuto da individualidade, com existência e corpo individualizado, livre e autônomo), sujeito trabalhador (relação com o Capital e o consumo) e sujeito psicológico (em relação ao que dá sentido à singularidade). O sujeito através dos tempos, estando dentro ou fora dos limites dos seus enunciados, exerce produção e significação de relações de poder.

A estrutura da sociedade moderna, e suas organizações disciplinantes, foi edificada entre os séculos XVII e XVIII. Até o século XVI a forma política de poder territorial do Estado ignorava indivíduos, em nome do interesse na totalidade, na classe ou grupo de cidadãos. A partir da modernidade a necessidade de controle ao indivíduo resgata uma forma política originária das instituições cristãs, o poder pastoral, no qual o poder do Estado é tanto individualizante como totalizador, pois não interessava ao Estado uma massa de indivíduos anônimos que pudessem fugir ao controle, era preciso marcá-los cada um com a sua identidade.<sup>12</sup> Assim, reafirmando a analogia de Foucault, o poder pastoral governa as almas e o poder do Estado governa os vivos, ou seja, suas condutas.<sup>13</sup>

Apesar dessa engrenagem de poder, a modernidade compreendida entre final do século XIX e todo o XX, marca mudanças significativas no pensamento ocidental, no qual emergências de ordens variadas - do surgimento de novas ciências humanas às sociais, das relações de trabalho à urbanização, da produção ao consumo, da política à arte, etc. - trazem ao homem moderno a necessidade de uma crítica reflexiva sobre si e o mundo,

---

<sup>11</sup> CABRAL, Paula Cristina Figueiredo e RODRIGUES, Sônia Cristina Ildelfonso. *O sexual e o político na obra de Paula Rego*

<sup>12</sup> Outra questão pertinente contra formas de sujeição é a problematização da identidade, pela qual um característico sujeito é reconhecido por si pelos outros através da cristalização da sua identidade, repetindo-se constantemente perante os outros e a si mesmo. Contudo, sendo o sujeito detentor de múltiplas identidades - civil, social, política, sexual - de que modo se dá essa cristalização? Seria possível tal cristalização? Com qual das facetas devemos nos repetir? Talvez seja nesse ponto que importa pensar na identidade como diferença (Deleuze), o direito à diferença, que por sua vez é uma luta maior que a simples recusa da identidade.

<sup>13</sup> PRADO FILHO, K. “A política das identidades como pastorado contemporâneo”, In: Foucault e o Cristianismo, 2010



buscando compreender essa teia de relações sociais como uma construção histórica, social e política. A teoria política (como ciência do possível num campo de enfrentamentos) é uma produção moderna que propõe modos de resistência contra as diferentes formas de poder.

Foucault discorre sobre as formas de poder que devem ser pensadas a partir de necessidades conceituais específicas para cada tipo de realidade. O autor desloca as relações de poder Estado-sociedade (não pensando a política como relação macro) e considera outra perspectiva de política como fenômeno social e/ou micro-social (relações de poder como tecido político). Neste sentido, o poder não é entendido como algo que se detenha, se aproprie ou seja concentrado, mas compreendido como resistência e enfrentamento nas diversas relações móveis e assimétricas, entre indivíduos ou entre grupos, caracterizando uma horizontalidade do poder.

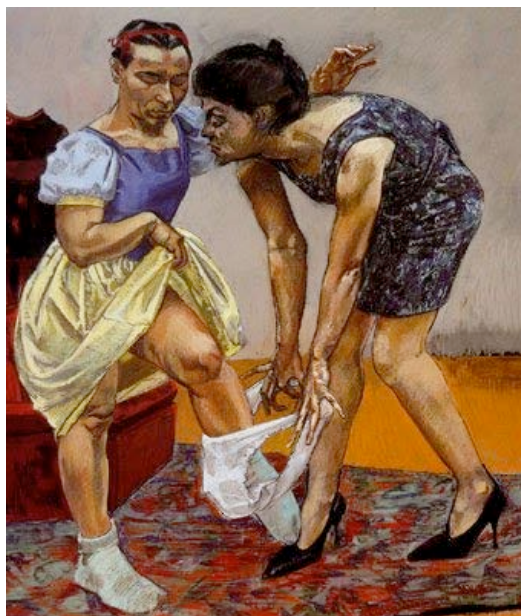
No contemporâneo podemos determinar três tipos de lutas sociais que problematizam a categorização do indivíduo: a) contra formas de dominação (ética, social e religiosa); b) contra formas de exploração que separa indivíduos daquilo que eles produzem (na relação entre trabalho e capital); e c) contra as relações que submetem o indivíduo a outros (sujeição, submissão, subjetivação). A luta contra as formas de sujeição estão se tornando mais importantes já que os mecanismos de sujeição não podem ser estudados fora de sua relação com os mecanismos de exploração e dominação.

Os jogos sociais (jogos de verdade, jogos de poder, de subjetivação, de normalização, jogos de saber) são mediados por produções sociais e históricas que nos atravessam e constitui subjetividades, engendrando relações de assujeitamento e/ou resistência. A partir da transgressão dos jogos de enunciados abre-se possibilidades de espaços de fuga e resistência com práticas emancipadas e criadoras que se modelam e remodelam à medida em que se luta. Fazer arte é tomar partido dessa luta.

Potencialmente, toda produção artística contém as dimensões pedagógica, política e discursiva que a concebem enquanto ideia, forma e linguagem. A mulheres de Paula Rego dominam as três dimensões e estabelecem conosco, espectadores dialógicos, conversações em alto e bom

som. Conseguem transitar com fluência nas esferas subjetivas e objetivas, do singular ao universal, do privado ao público, do singular ao plural.

A artista reconhece que sua obra possui uma carga visual e simbólica “sempre e visceralmente portuguesa, afirmando que as suas pinturas nunca foram sobre outra coisa que não sobre Portugal.”<sup>14</sup> Sua obra reclama e ocupa o espaço da arte que sempre fora negado às artistas mulheres, e expõe suas representações do singular universo da mulher diferentemente das praticadas pelos artistas homens (que frequentemente esbarram com a artificialidade representativa da mulher para apreciação e consumo imediato aos olhares masculinos).



Paula Rego, “Branca de Neve e sua madrasta”

Paula Rego, através de sua história e condição feminina pratica uma arte feita por e a propósito de mulheres. Toma parte em meio a outros grupos de mulheres artistas que, desde a década de 1970, vem reelaborando a condição de pensar e fazer produção feminista na arte intencionando desconstruir os consolidados paradigmas que teimam reforçar a ideia da mulher frágil e submetida à interpretação e determinação masculina.

---

<sup>14</sup> CABRAL, Paula Cristina Figueiredo e RODRIGUES, Sónia Cristina Ildefonso, “O sexual e o político na obra de Paula Rego”



No início da década de 1990, Paula Rego estabelece em sua obra um “divisor de águas” a partir da série “Mulher-Cão”. Desenvolvida a partir de uma fábula<sup>15</sup> criada por um amigo escritor português, Paula evoca e convoca o lado primitivo adormecido de cada mulher e o instinto animal domesticado por uma sociedade e cultura regulamentadas, revelando fatos que não são contados sobre as mulheres:

“Ser uma mulher-cão não tem necessariamente a ver com submissão; antes pelo contrário. Nestas imagens todas as mulheres são mulheres-cão, não submissas mas poderosas. Ser bestial é bom. É físico. Comer, rosnar, todas as actividades que têm a ver com sensações são positivas. Figurar uma mulher como cão é extremamente credível.”<sup>16</sup>

A *Mulher-cão* se auto-afirma como possibilidade de expor as múltiplas facetas inscritas no gênero feminino. Trata de amores, paixões, desejos submissão, desvarios, castigos, vinganças e toda a gama de nuances singulares entre um e outro. Aborda a humilhação, a lealdade e um certo masoquismo das mulheres, no amor e na traição. A *mulher-cão* de Rego não é aquela subjugada como *cachorra* ou *cadela*, pelo contrário, nesta série todas as mulheres são donas de si. O instinto animal da mulher-cão não é moralizado e julgado como mau, assim como suas ações, que denotam o morder, o rosnar, o uivar, o lambar como sensações positivas.<sup>17</sup>

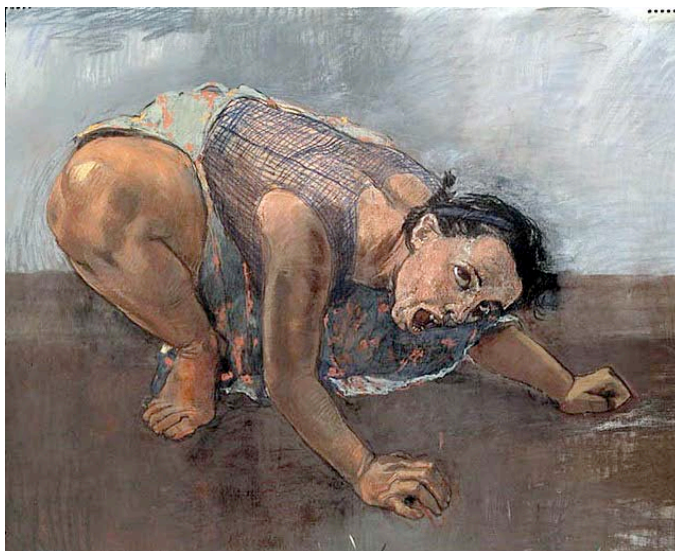
---

<sup>15</sup> Na fábula, há uma mulher idosa que morava sozinha com seus animais de estimação. Uma noite, o vento desceu pela chaminé e assumiu a voz de uma criança que lhe disse para comer seus animais de estimação; enlouquecida pelo vento e agachando-se em quatro patas com a boca escancarada, um a um ela o fez. A série “Mulher-Cão” resulta dessa história e sobre a relação entre um cão e seu dono, traduzida nos próprios termos afetivos da pintora e seu próprio passado. É o seu tratamento estético e plástico e a forma como trata do assunto que lhe confere a sua universalidade e a sensação de que todos, talvez, sejamos o cão de alguém. (fonte: <https://sala17.wordpress.com/2010/09/20/paula-rego-1935-percursos-pelo-imaginario-infantil-e-feminino/>)

<sup>16</sup> Paula Rego: *Percursos pelo imaginário infantil e feminino* (20/09/2010),

Fonte: <https://sala17.wordpress.com/2010/09/20/paula-rego-1935-percursos-pelo-imaginario-infantil-e-feminino/>

<sup>17</sup> CABRAL, Paula Cristina Figueiredo e RODRIGUES, Sónia Cristina Ildefonso, “O sexual e o político na obra de Paula Rego”



Paula Rego, Mulher-Cão, 1994, Pastel s/tela, 120X160 cm

A artista questiona ilusões e tabus a que somos cultural, psicológico, político e nacionalmente submetidos desde tenra infância (temática, aliás, constantemente reelaborada em sua obra, na intenção de dessacralizar ideais de inocência e pureza que não, necessariamente, condizem com a realidade). Além das temáticas de sexualidade e antagonismos de gênero, evidentes em sua obra, há de compreender que Rego, através de seu filtro artístico, interpreta a história e a política recente de Portugal, traduzindo outras narrativas que documentam o seu trabalho.

Os anos da ditadura de Salazar<sup>18</sup> são revolvidos pela arte política de Rego, que escarafunha memórias e condicionamentos a que foi submetido o povo português, durante o período do Estado Novo, em doutrinação das estruturas hierárquicas de poder publicizadas na trilogia “Deus, Pátria e Família”, como estabilidade social e ordem. Dentro dessa superestrutura, o homem da família (o marido) estava autorizado a exigir obediência de sua esposa e filhos, seus familiares subalternos.

---

<sup>18</sup> “Figura de destaque e promotor do Estado Novo (1933-1974) e sua organização política, a União Nacional, Salazar dirigiu os destinos de Portugal como presidente do Ministério de forma ditatorial entre 1932 e 1933 e, como presidente do Conselho de Ministros entre 1933 e 1968. Os autoritarismos e nacionalismos que surgiam na Europa foram uma fonte de inspiração para Salazar em duas frentes complementares: a da propaganda e a da repressão. Com a criação da censura, da organização de tempos livres dos trabalhadores FNAT e da Mocidade Portuguesa, o Estado Novo procurava assegurar a doutrinação de largas massas da população portuguesa ao estilo do fascismo, enquanto que a sua polícia política em conjunto com a Legião Portuguesa, combatiam os opositores do regime que, eram julgados em tribunais especiais. Inspirado no fascismo e apoiando-se na doutrina social da Igreja Católica.” Fonte: Wikipedia



Paula Rego, 1994 (em sequência da esq. p/ dir.): Sentada; Esperando por comida; Scavengers. Pastel on canvas, 120X160 cm)

Como referência de mulher (esposa) casta, a Virgem Maria era o modelo perfeito para que todas as mulheres enclausuradas no interior doméstico pudessem se espelhar. Nesse contexto é potencializado o culto mariano<sup>19</sup>, operando a fusão entre feminilidade e reprodução como obrigatoriedade da continuidade e a serviço da ideologia do Estado Novo, que naturalizava a maternidade como ideal, e utilidade da condição de toda mulher.<sup>20</sup>

Segundo a ditadura salazarista a unidade moral de uma grande nação poderia ser facilmente reconstituída a partir da anterior citada tríade hierárquica<sup>21</sup>, em uma ordem que não deveria variar e mantendo as mulheres enclausuradas no lar submetidas aos seus maridos autoritários. Daí que a belas mulheres de Paula Rego permanecem em espaço doméstico, porém a pintora transforma o lar em inegável campo de batalha.

### 3. Entre significações e afetos

A linguagem pictórica e figurativa na extensa obra de Paula Rego não romantiza o ser humano e suas relações sociais, por mais que o amor fraterno e possível esteja, também, ali representado. Como elucidado, sua potência criativa, determinada e corajosa, denunciam as ilusões e a falsa moral em cenas mirabolantes de chocantes e dolorosas “verdades”. Daí que sua obra

<sup>19</sup> Especialmente, “após a assinatura da Concordata com o Vaticano em 1940, demonstrando a forte ligação entre o Estado e a Igreja”. CABRAL, Paula Cristina Figueiredo e RODRIGUES, Sônia Cristina Ildefonso, “O sexual e o político na obra de Paula Rego”, p. 04

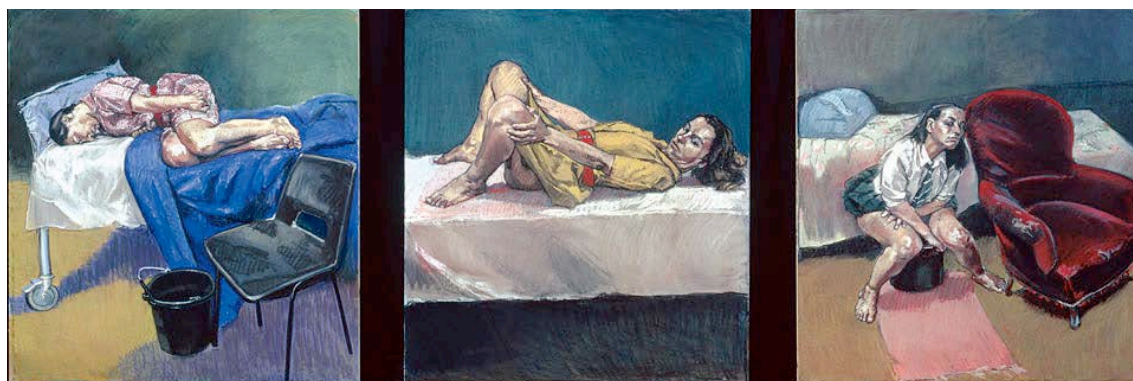
<sup>20</sup> A maternidade contemporânea a partir da compreensão histórica-social crítica foi o objeto de pesquisa de minha dissertação de mestrado em psicologia social, intitulada “Madonnas Contemporâneas em série fotográfica: relações estéticas e produção de sentidos sobre a maternidade”, UFSC, 2015.

<sup>21</sup> “A trilogia, amplamente difundida em cartazes distribuídos pelas escolas primárias, constituía a intocável e inquestionável trilogia da educação nacional”. CABRAL, Paula Cristina Figueiredo e RODRIGUES, Sônia Cristina Ildefonso, “O sexual e o político na obra de Paula Rego”, p. 04.

abarca, tanto admiração quanto aversão do público. É o caso da série sobre abortos, realizada em período concomitante ao primeiro referendo de despenalização, acontecido em 1998 em Portugal (ocasião no qual o não saiu vencedor).

Rego discursa, claramente através de sua arte, sua posição favorável ao direito da mulher decidir se quer *ser ou não ser* mãe, levando a cabo ou não a sua gestação. Suas mulheres praticam, também, o aborto em interior doméstico, deitadas sozinhas em seus leitos matrimoniais ou contorcendo-se em dores no tapete da sala. A imponente poltrona do marido ocupa o lugar da proibida maca hospitalar.

A arte, compreendida como linguagem opera a partir de signos e símbolos específicos, que se dão num determinado sistema cultural, sendo que muitos dos possíveis diálogos tornam-se mais complexos à medida em que se aprende a linguagem: seus códigos, seus usos, seus alcances e subversões. Assim, a semiótica como ciência da linguagem, apreende e exercita seus alcances:



Paula Rego, Tríptico (Série aborto, 1997-1999)

“sem conhecer a história de um sistema de signos e do contexto sociocultural em que ele se situa, não se pode detectar as marcas que o contexto deixa na mensagem. Se o repertório de informações do receptor é muito baixo, a semiótica não pode realizar para esse receptor o milagre de fazê-lo produzir interpretantes que vão além do senso comum.” (SANTAELLA, 2005, p.06)

É fato a necessidade de compreensão da linguagem artística que, por operar também em um campo do sensível, muitas vezes encontra-se tão além quanto aquém de uma conformidade racional (ou então forçada em demasiada racionalização que pode, até mesmo, destituir-lhe a potência). A variedade de

significações sobre arte e a incompreensão de tantas considerações costumam gerar as tais classificações etnocêntricas (GEERTZ, 1998).

De acordo com esse autor, esse processo de atribuição de significado cultural aos objetos artísticos é sempre local, ou seja, o que é arte num determinado local pode não ser em outro. Deste modo, ao estudar arte o que se possibilita é a exploração de uma sensibilidade que essencialmente é uma formação coletiva, num contexto cultural, e que a base de tal formação são tão amplas e profundas como a própria vida social.

Toda e qualquer linguagem se dá na intrincada relação entre comunicação e cultura e se estabelecem como práticas significantes produtoras de sentido. O contexto histórico-sócio-cultural é condição de possibilidade e marca, inexoravelmente, a produção, a recepção e a interpretação da arte. Além, de considerar que o local ou o veículo por onde se vê/interpreta a imagem (exposições em espaços ou instituições de arte, nas ruas, através de livros ou computadores, na mídia interessada, etc), conforma o conteúdo da comunicação.

A veiculação agressivamente sugestiva da “bela, recatada e do lar”, na manchete da revista, propõe na figura pública de uma mulher específica, re-instaurar homogeneidade e regulamentações de conduta a todas as mulheres. Através de elaborada tecnologia midiática, estetizada para o consumo acrítico, aquele embuste mascarado - em questionável ideal de beleza, docilidade e domesticidade - poderia se re-estabelecer ligeiro, na ausência das lutadoras vigilantes.

Contudo, a comunidade virtual também é área de resistências. Arena imaterial de existência fluída, que foge ao controle de uma hegemonia cultural. Nesse sentido, buscamos novos modos sensíveis de embates e ações no cotidiano concreto. Escolhemos outras lentes para vermos a nós mesmos não como parte da massa, mas participe das mudanças na arte e na vida. Propomos através da polifonia o respeito à diversidade e igualdade de direitos. Me sensibilizo, me engajo e sou confiante com tais transformações.



## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Luísa. A representação da figura feminina em Paula Rego. *Arte & Sociedade, Actas das Conferências*, p.156-161, 2011.

CABRAL, Paula Cristina Figueiredo e RODRIGUES, Sónia Cristina Ildefonso. O sexual e o político na obra de Paula Rego. 2010

DELEUZE, Gilles. Conversações. Capítulo V: Política. Editora 34. p.213-230 FABRIS, A. Fotografia e arredores. Florianópolis. Letras Contemporâneas, 2009.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade. São Paulo, SP. Graal, 2010.

GEERTZ, Clifford. A arte como um (sic) sistema cultural, in *O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*, Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 142-181.

LÓPEZ, Pilar Muñoz. Arte Feminista. Empoderamiento de las mujeres em el arte. El ejemplo de Paula Rego. *Cuadernos Kóre. Revista de historia y pensamiento de género No 8 (Primavera-Verano 2013)*, p. 237-265 ISSN: 1889-9285/ EISSN: 1989-7391

MAGALHÃES, Maria José. A arte e violência no olhar: Ativismo feminista e desconstrução da violência contra as mulheres, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 89|2010, 89-109.

PRADO FILHO, Kleber. A política das identidades como pastorado contemporâneo, In: *Foucault e o Cristianismo*, 2010.

PRADO FILHO, K., MARTINS, S. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). *Psicologia & Sociedade*, vol.19, nº3, Set/Dez 2007.

SABIÁ, Ana Paula. *Madonnas Contemporâneas em série fotográfica: relações estéticas e produção de sentidos sobre a maternidade. Dissertação em Psicologia Social, UFSC, 170p., 2015.*

SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: PioneiraThomson Learning, 2005

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICA

COUTINHO, Andréa Senra, A produção feminista das mulheres nas artes plásticas e suas implicações no ensino da arte: Estudo comparativo entre professores/as de arte de Portugal e Brasil. Comunicação 25/08/2010,

<http://aaesc.udesc.br/confaeb/comunicacoes/> <acesso em maio de 2016>

REGO, PAULA. <http://www.casadashistoriaspaularego.com/pt/>

REGO, Paula. Sala 17: Sentir, Pensar, Criar... Arte e design na escola secundária de Santa Maria - Sintra. Percursos pelo imaginário infantil e feminino (20/09/2010),

Fonte: <https://sala17.wordpress.com/2010/09/20/paula-rego-1935-percursos-pelo-imaginario-infantil-e-feminino/> <acesso em maio de 2016>